



TERCEIRA ESCOLA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE LATINOAMERICANA Y
CARIBEÑA DE HISTÓRIA AMBIENTAL

24, 25, 26 e 27 de Outubro de 2017
Anápolis, Goiás - Brasil



III Circular

Anápolis, Goiás, 04 de maio de 2017

A terceira Escola de Pós-Graduação da SOLCHA acontecerá entre os dias 24 a 27 de outubro de 2017 no Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA), Anápolis, Estado de Goiás, Brasil. O evento terá como instituições organizadoras o Centro Universitário de Anápolis, a Universidade Estadual de Goiás e a Universidade Federal de Santa Catarina.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A Escola de Pós-Graduação da SOLCHA manterá a orientação das primeiras e segundas edições, com o enfoque na temática da História Ambiental da América Latina. Seguindo os moldes das duas primeiras edições, as principais atividades a serem desenvolvidas serão:

1. Discussão de textos dos estudantes: Esta é atividade central da escola, e cada estudante deve enviar com antecedência um texto relativo ao trabalho que estão desenvolvendo na Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado), podendo ser enviado em português, inglês ou espanhol. Os textos deverão ser lidos e debatidos pelos professores participantes.
2. Sessões de seminários: as sessões acontecerão a partir da indicação de temas propostos pelos professores, considerando da temática geral em História Ambiental Latino-Americana.
3. Conferências: A proposta é de uma conferência que aborde a situação atual da História Ambiental Latino-Americana e o papel da SOLCHA.
4. Saída de Campo: a previsão de saída de campo para sítios de patrimônio histórico e ambiental de Goiás, com a previsão de um pernoite em acampamento próximo ao rio Corumbá e a Serra dos Pirineus, na região de Pirenópolis e Corumbá de Goiás. A saída de campo visa a compreensão da relação entre história e natureza na

constituição da ocupação do Brasil Central, num diálogo entre as ciências humanas e naturais, tendo o bioma Cerrado como referência.

PARTICIPANTES

Seguindo a experiências das duas primeiras edições, adotaremos o limite de 20 alunos participantes. Estes participantes serão selecionados dentre estudantes de Programas de Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado) de diferentes áreas do conhecimento. Não será, portanto, necessário, a vinculação com Programas de Pós-Graduação em História. No entanto, a temática abordada, bem como as metodologias propostas e o projeto de pesquisa em desenvolvimento, deverão estar vinculadas à História Ambiental. Dentre os participantes, pelo menos dois serão estudantes da UniEVANGELICA, instituição sede do evento.

PROFESSORES

A escola contará com a participação dos seguintes professores:

Adrián Gustavo Zarrilli, Universidad Nacional de Quilmes (Argentina)

Alessandra Izabel de Carvalho, Universidade Estadual de Ponta Grossa (Brasil)

Claudia Leal, Universidad de Los Andes (Colômbia)

Diogo de Carvalho Cabral, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil)

Dominichi Miranda de Sá, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brasil)

Eunice Sueli Nodari – Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

José Augusto Pádua, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

José Luiz de Andrade Franco, Universidade de Brasília (Brasil)

Lise Sedrez, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Magali Romero Sá, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brasil)

Marina Miraglia, Universidad Nacional de General Sarmiento (Argentina)

Paulo Henrique Martinez, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

Regina Horta Duarte, Universidade Estadual de Minas Gerais (Brasil)

Reinaldo Funes Monzote, Fundación Antonio Núñez Jiménez de La Naturaleza y el Hombre (Cuba)

Rogério Ribeiro de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil)

Samira Peruchi Moretto – Universidade Federal da Fronteira Sul (Brasil)

Sandro Dutra e Silva, Universidade Estadual de Goiás e UniEVANGELICA (Brasil)

PROGRAMAÇÃO

1º. Dia- 24/10/2017

Manhã:

- Conferência - Adrián Gustavo Zarrilli
- Grupos de discussão dos textos dos estudantes

Tarde:

- Grupos de discussão dos textos dos estudantes

Noite:

- Atividade Cultural

2º. Dia- 25/10/2017

Manhã

- Visita à Fazenda Babilônia

Tarde:

- Grupos de discussão dos textos dos estudantes
Oficinas/ Sessões de Seminários

Noite:

- Mesa Redonda - IMPACTOS DA HISTORIOGRAFIA AMBIENTAL NA DISCIPLINA HISTÓRICA, NA AMÉRICA LATINA.
Coordenação – Regina Horta
Participantes: Eunice Nodari, Claudia Leal, Marina Miraglia, Diogo Cabral

3º. Dia- 26/10/2017

Manhã:

- Saída para campo - Acampamento El Rancho

Tarde:

- Trilhas no Cerrado: Rio Corumbá e Parque Estadual dos Pirineus.
Acampamento El Rancho.

Noite:

- Conferência – José Augusto Pádua (Acampamento El Rancho)
- Pernoite no Acampamento

4º. Dia- 27/10/2017

Manhã:

- Café da manhã no Acampamento El Rancho
- Reunião de encerramento dos trabalhos (planejamentos futuros, projetos, parcerias, grupos de trabalho, etc.)
- Almoço no Acampamento El Rancho

Tarde:

- Retorno para Anápolis (despedidas)

CUSTOS PREVISTOS

A organização do evento buscou e obteve apoio para custear as despesas com a hospedagem dos alunos, tanto para o Hotel Universitário quanto para o Acampamento El Rancho. As únicas taxas cobradas serão a inscrição e àquelas relacionadas à viagem à Fazenda Babilônia (viagem opcional). Informações completas constam dessa III Circular, abaixo. A alimentação ficará a cargo de cada participante, salvo a alimentação no Acampamento El Rancho, que já estará incluída nas diárias.

TAXAS

- Taxa de Inscrição: R\$ 100,00 (até 24 de Outubro)
- Hospedagem no Hotel Universitário - 23 a 25 de outubro: CUSTEADAS PELA UniEVANGELICA
- Taxa para as Atividades no Acampamento El Rancho (incluindo hospedagem, refeições e traslado): CUSTEADAS PELA UniEVANGELICA
- Viagem à Fazenda Babilônia (opcional): R\$ 50,00 (incluindo o café colonial e o traslado)
- **CUSTO TOTAL = R\$ 150,00 (Em torno de US \$ 50,00)**

DATAS

- Período de Submissão de Trabalhos: **até 30 de maio de 2017**
- Divulgação dos alunos selecionados: **15 de junho de 2017**
- Período de Inscrição: **15 de junho à 24 de Outubro de 2017**
- Realização do evento: **24 a 27 de outubro de 2017**

Submissão dos trabalhos no link: <https://goo.gl/forms/P9qptqdNeC7Q93n22>

Para mais informações: escuela.solcha2017@gmail.com; sandrodutr@hotmail.com

OBS: Os trabalhos deverão ser submetidos diretamente no site do evento (em finalização).

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Sandro Dutra e Silva, Vivian da Silva Braz, Eunice Nodari, Samira Peruchi Moretto

ANEXO

SAÍDAS DE CAMPO

FAZENDA BABILÔNIA – PIRENÓPOLIS (Antiga Meia-Ponte)

Dia- 25/10/2017 - Manhã



Relato de Saint-Hilaire sobre sua passagem pela Fazenda Babilônia em 1819, em sua obra Viagens à Província de Goiás

A 5 léguas de Gonçalo Marques parei na fazenda do comandante de Meia-Ponte, Joaquim Alves de Oliveira, para quem o governador da província me tinha dado uma carta de recomendação, tendo nessa ocasião feito grandes elogios a ele. A acolhida que me deu foi perfeita, e passei alguns dias em sua propriedade.

Joaquim Alves de Oliveira amealhou à custa do próprio esforço a sua fortuna, que era considerável. Tinha sido educado por um jesuíta, e parece que absorvera nessa escola o espírito metódico e equilibrado que o fazia sobressair entre os seus compatriotas. A princípio dedicou-se ao comércio, mas como tinha mais pendor para a

agricultura, acabou por renunciar quase que inteiramente aos seus interesses mercantis. Não obstante, entregava-se ainda a transações comerciais quando esperava poder obter um lucro razoável. Assim, por ocasião de minha passagem por ali ele tinha acabado de enviar o genro a Cuiabá com uma numerosa tropa carregada de mercadorias variadas. Tinha, porém, o hábito de jamais falar com quem quer que fosse sobre os seus negócios, e ninguém ficava sabendo quando ele ganhava ou perdia dinheiro nas suas transações. Entre os brasileiros que conheci, era ele, talvez, o que tinha mais aversão à ociosidade. "Concedo a meus hóspedes", dizia-me ele sorrindo, "três dias de descanso. Ao cabo desse tempo, porém, descarrego sobre eles uma parte dos serviços da casa". As conversas de Joaquim Alves revelavam que ele era dotado de um grande amor à justiça e de uma religião sem mesquinhez. Era homem de muito senso, de uma grande simplicidade e de uma bondade extrema.

A fazenda, fundada por ele, nunca tivera outro nome a não ser o seu. Tratava-se, inegavelmente, da mais bela propriedade que havia em toda a região de Goiás que eu tinha percorrido. Reinavam ali uma limpeza e uma ordem que eu ainda não vira em nenhuma outra parte. A casa da fazenda era ao rés do chão e nada tinha de extraordinária, mas era ampla e muito bem conservada. Na frente, uma extensa varanda oferecia sombra e ar fresco em todas as horas do dia. O engenho-de-açúcar, conjugado à casa, fora construído de maneira que, da sala de jantar, pudesse ser visto o trabalho que se fazia junto às caldeiras, e da varanda, o que se passava no moinho de cana. Este último dava para um pátio quadrado. O corpo da casa se prolongava numa série de construções, que formavam um dos lados do pátio, nas quais estavam instaladas a selaria, as oficinas do serralheiro, do sapateiro, a sala dos arreios e, finalmente, a cocheira. Outro lado era construído pelos alojamentos dos escravos casados. Esses alojamentos eram cobertos de telhas e divididos em cubículos por paredes até certa altura. Um muro de adobe fechava os dois lados restantes do pátio.

A casa fora organizada desde o princípio com tamanha perfeição que o seu proprietário já não tinha, por assim dizer, necessidade de dar nenhuma ordem. Cada um sabia o que tinha de fazer e tratava de se colocar no seu posto de trabalho por sua própria conta. Para se fazer entender, bastava ao dono, se quisesse, dizer apenas uma palavra ou fazer um simples gesto. No meio de uma centena de escravos não se ouviam ordens gritadas nem se viam homens apressados andando de um lado para o outro, apenas aparentando grande atividade, mas na verdade sem saberem o que fazer. Em toda parte reinavam o silêncio, a ordem e uma tranqüilidade que se harmonizava perfeitamente com a que a Natureza costuma oferecer naqueles climas amenos. Dir-se-

ia que um gênio invisível governava a casa. Seu proprietário ficava sentado tranquilamente na varanda, mas era fácil ver que nada lhe escapava e que bastava um rápido olhar para manter tudo sob controle.

As regras estabelecidas por Joaquim Alves quanto ao tratamento dado aos escravos consistiam em mantê-los bem alimentados e vestidos decentemente, em cuidar deles adequadamente quando adoeciam e em jamais deixá-los ociosos. Todo ano ele provia o casamento de alguns, e as mães só iam trabalhar nas plantações quando os filhos já podiam dispensar os seus cuidados. As crianças eram então confiadas a uma só mulher, que zelava por todas. Uma sábia precaução fora tomada para evitar, tanto quanto possível, as ciúmidas e as brigas: os quartos dos solteiros ficavam situados a uma boa distância dos alojamentos dos casados.

O domingo pertencia aos escravos. Eles não tinham permissão para ir procurar ouro, mas recebiam um pedaço de terra que podiam cultivar em seu próprio proveito. Joaquim Alves instalara em sua própria casa uma venda onde os negros podiam comprar as coisas que geralmente são do agrado dos africanos. Nas suas transações o algodão fazia o papel do dinheiro. Dessa maneira ele livrava os escravos da tentação do roubo, estimulava-os ao trabalho acenando-lhes com os lucros de suas lavouras, fazia com que se apegassem ao lugar e ao seu senhor, ao mesmo tempo que aumentava a produção de suas terras.

Durante minha permanência na casa do comandante de Meia-Ponte visitei as várias dependências de sua fazenda, o chiqueiro, o paiol, o moinho de farinha, o local onde era ralada a mandioca e onde ficava instalada a máquina de descaroçar o algodão, a fábrica de fiação, etc. etc., e em toda parte encontrei uma ordem e uma limpeza incomparáveis. Os fornos do engenho-de-açúcar não tinham sido feitos de acordo com as especificações da técnica moderna. Seu aquecimento era feito pelo lado de fora, o que pelo menos tornava menos penosa para os trabalhadores a operação de cozimento. Um tambor horizontal movido a água punha em movimento doze pequenas máquinas de descaroçar algodão. Era também a água a máquina de ralar mandioca, da qual darei aqui uma descrição. A casa onde se achava instalada era construída sobre estacas e embaixo do assoalho fora colocada uma roda em posição horizontal, que era movida pela água que caía de uma calha em plano inclinado. O eixo da roda atravessava o assoalho e se elevava até certa altura, tendo na extremidade outra roda horizontal cujo aro era revestido por um ralo de metal. O eixo e a roda superior ficavam encaixados dentro de um quadrado formado por quatro estacas, cada uma das quais tinha uma chanfradura na parte interna, ao nível do ralo. Quando a roda começava a girar, quatro

peças seguravam as mandiocas, encaixando-as nas chanfraduras. Tendo esse ponto de apoio, seus braços podiam manter-se firmes e a ação da máquina não sofria interrupção.

Numa parte de suas terras o comandante de Meia-Ponte tinha deixado de lado o método primitivo adotado geralmente pelos brasileiros em suas lavouras. Passara a usar o arado e adubava a terra com o bagaço da cana. Dessa forma não havia necessidade de queimar novas matas todo ano. A cana era replantada sempre no mesmo terreno, que ficava situado perto da casa para facilitar a supervisão do dono e poupar tempo aos escravos. O açúcar e a cachaça eram vendidos em Meia-Ponte e Vila Boa, mas o algodão era exportado para o Rio de Janeiro e Bahia. Joaquim Alves foi o primeiro, como já disse, a demonstrar a vantagem dessas exportações, e seu exemplo foi seguido por vários outros colonos. Por ocasião de minha viagem ele estava planejando aumentar ainda mais suas plantações de algodão e tinha intenção de instalar no próprio arraial de Meia-Ponte uma descaroçadora, bem como uma fição onde pretendia empregar as mulheres e as crianças sem trabalho. Depois de descaroçado, o algodão da região, cuja qualidade é excelente, era vendido no local a 3.000 réis a arroba. O transporte de Meia-Ponte à Bahia custava 1.800 réis a arroba, e até o Rio de Janeiro 2.000. O lucro obtido com as exportações a esse preço era tão garantido que Joaquim Alves não vacilava em se oferecer para comprar, à razão de 3.000 réis, o algodão produzido por todos os agricultores das redondezas.

Ao dedicar sua atenção a um produto que podia ser exportado com proveito, o comandante de Meia-Ponte incentivava seus compatriotas a tomar novos rumos, indicando-lhes o que devia ser feito para arrancar sua região do estado de penúria em que a mergulhara uma exportação do ouro mal orientada. Enquanto ele agia de maneira prática, vários de seus concidadãos afirmavam que só havia salvação para a província numa ideia absurda apresentada por Luís Antônio da Silva e Souza. Segundo eles, a única maneira de deter a decadência sempre crescente da província seria impedir a saída do ouro para fora de suas fronteiras, criando-se para isso uma moeda provincial. Poder-se-ia argumentar, entretanto, que se essa moeda não tivesse valor como metal não haveria força humana capaz de lhe dar algum crédito. Se, pelo contrário, ela fosse de cobre, de ouro ou de prata, acabaria saindo da província de uma forma ou outra, por mais rigorosa que fosse a proibição, como acontecem todos os dias com o ouro em pó. Uma vez fora de suas fronteiras, porém, ela só seria aceita pelo seu valor intrínseco, e em consequência os comerciantes de Goiás passarão a vender suas mercadorias por um preço que compense a sua desvalorização. O ouro adulterado que circula em Goiás já

pode ser considerado uma espécie de moeda provincial, pois só é aceito ali, e quando o comerciante o remete para fora ele se vê obrigado a reduzi-lo ao seu valor real, purificando-o, para em seguida reajustar os seus preços de acordo com a redução de peso sofrida pelo ouro.

Depois de tantas jornadas tediosas e cansativas através dos sertões, senti-me feliz por me achar numa casa que reunia todo o conforto que a região podia oferecer, onde eu gozava de inteira liberdade e cujo proprietário, um homem esclarecido, tinha por mim toda consideração. O tempo que passei na casa de Joaquim Alves foi muito proveitoso. Meus homens fizeram uma esplêndida caçada nas margens de uma lagoa situada nas proximidades. Quanto a mim, passei para o papel uma parte dos dados que recolhera sobre vários assuntos e obtive novas informações em conversas com meu hospedeiro. Deixei a fazenda cheio de gratidão pela excelente acolhida que me deu o seu proprietário e me dirigi a Meia-Ponte, distante dali uma légua."

ACAMPAMENTO EL RANCHO – CORUMBÁ DE GOIÁS

Dia- 26 e 27/10/2017

